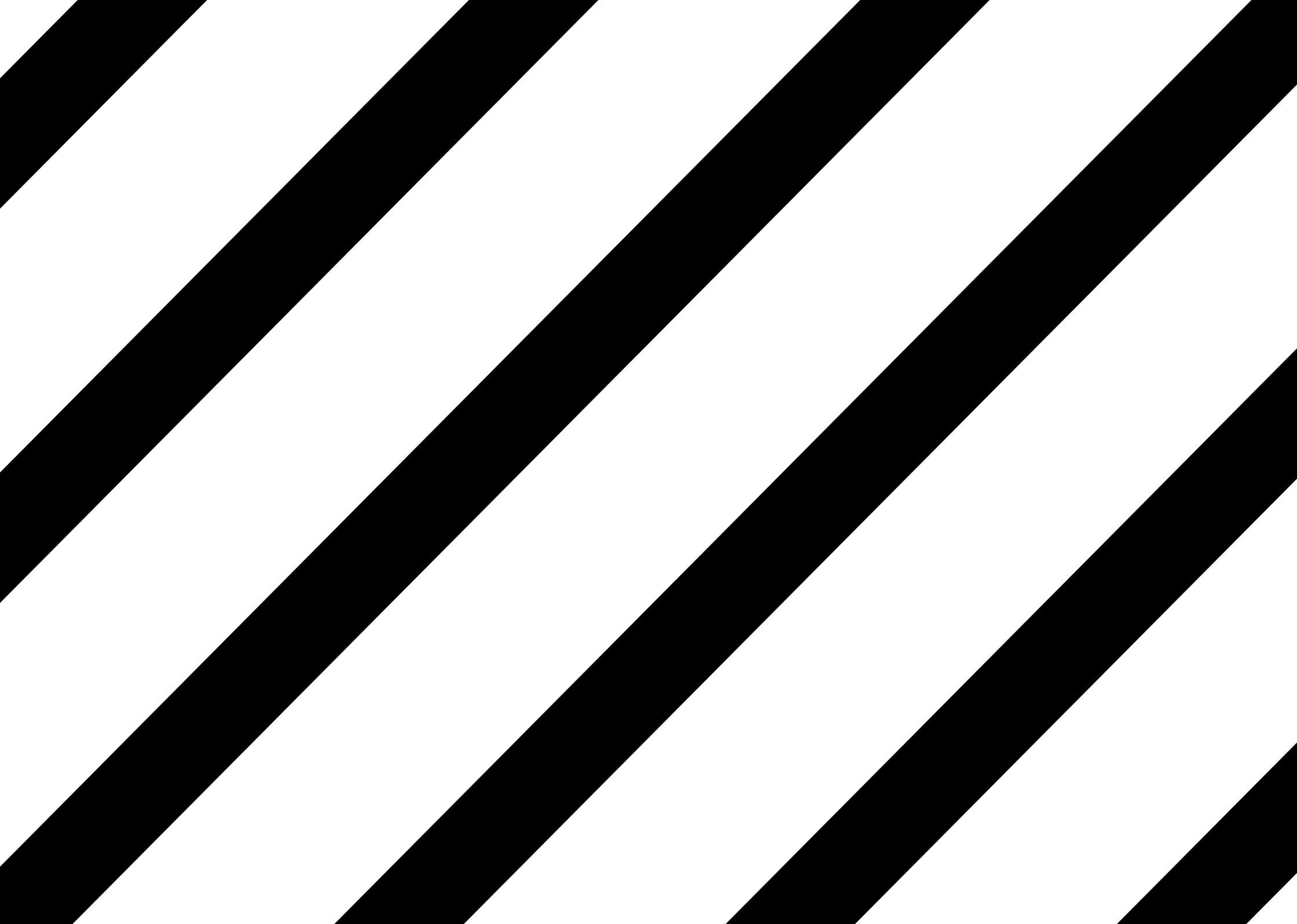




**MURO
COTIDIANO**

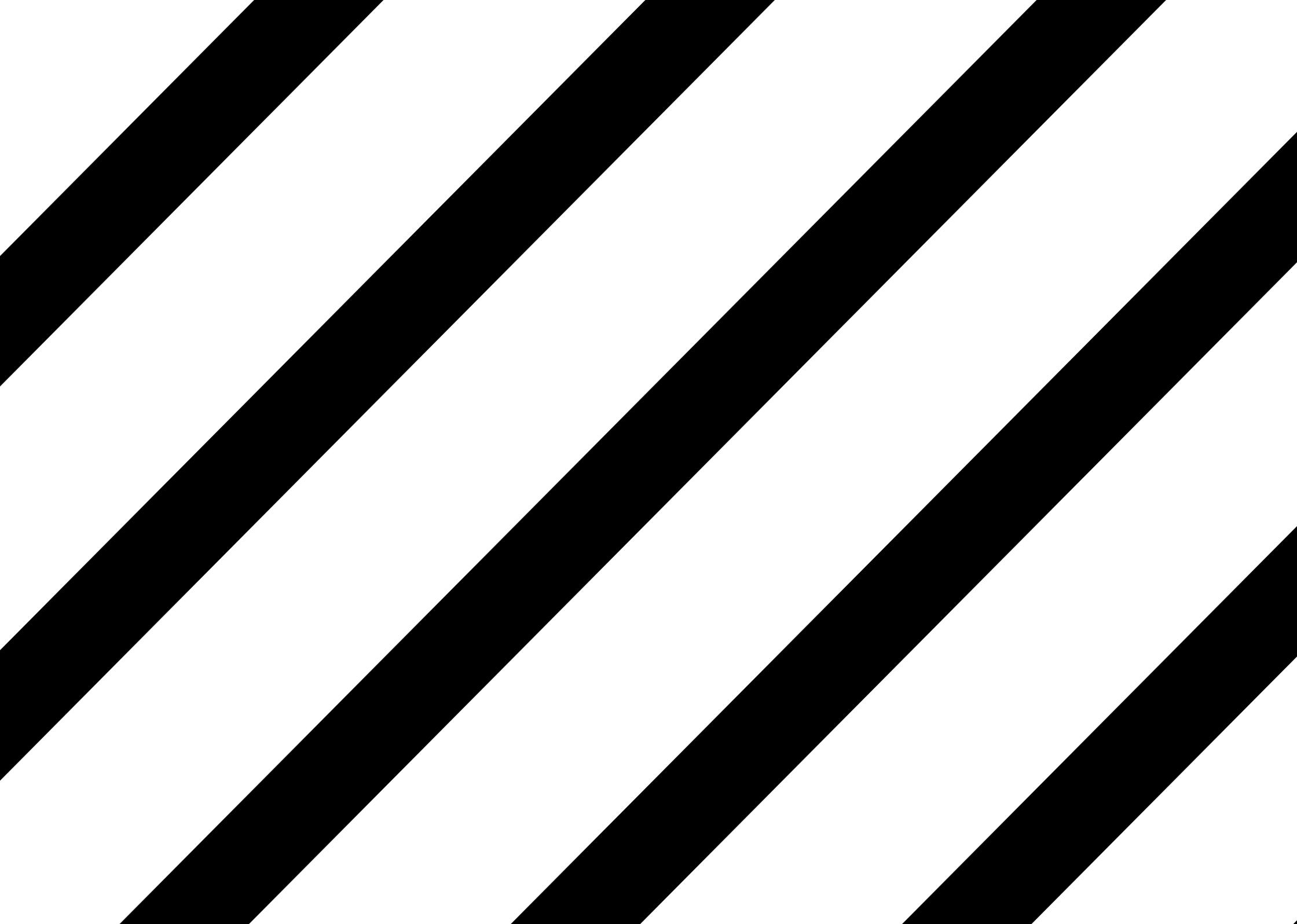


MURO COTIDIANO

MURO COTIDIANO

**Escola Superior de Desenho Industrial
Centro de Tecnologia e Ciência
Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Clarissa Costa de Oliveira
Professora orientadora: Noni Geiger
Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 2011.



SUMÁRIO

Agradecimentos 8

Introdução 9

Justificativa de relevância 10

Objetivos, Resumo e Palavras-chave 11

Levantamento de dados

Análise da Avenida Brasil

História 13

Contexto social 14

Trajetó

Escolha: características físicas e sociais 16

Dimensões e características do muro 17

Escola

Características sociais

e a Relação da escola com o muro 19

A proposta

O Mural

Tema 20

Desenvolvimento

Street Art e Pop Arte

História e técnica do stencil 29

Suporte 30

Execução

Produção

Tintas 32

Pintura 33

Concepção e produção dos desenhos 36

Resultado Final 50

Conclusão

Validação 52

Perspectivas 53

Bibliografia 54

AGRADECIMENTOS

A Deus,

De quem sou, existo e pra quem vou. Meu amor.

Aos meus pais, Abel e Marisa,

obrigada por estarem sempre ali. Isso é fruto de vocês.

Aos professores orientadores,

Em especial a Noni Geiger, por acreditar, incentivar, pela disposição de ir até o fim, e por não me deixar perder o foco, nem esmorecer. A riqueza de conhecimento de você é um capítulo a parte. Muito grata.

Aos meus amigos,

Caroline Ramos, Carina de Almeida, Emerson Bitencourt, Herbert de Almeida, Isadora Nascimento, , Leonardo Nunes, Lucas Costa, Tainan Cabral, Thamata Marini, Yuri Gonçalves.

Quando disseram que era impossível, vocês tornaram possível. Esse trabalho não é meu, é nosso. “O muro é nosso.”

INTRODUÇÃO

Começo este trabalho a partir de uma observação de um espaço urbano que faz parte do meu trajeto diário. Esta se torna consciente por conta do primeiro exercício proposto pelos professores orientadores: descrever seu trajeto da casa até a faculdade. Dentre os vários locais e bairros por onde passo diariamente, sem dúvida a Avenida Brasil é o mais significativo deles.

A Avenida Brasil possui 58 km de extensão e passa por 27 bairros da cidade, a saber, São Cristóvão, Caju, Benfica, Manguinhos, Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha, Cordovil, Vigário Geral, Parada de Lucas, Jardim América, Irajá, Acari, Coelho Neto, Barros Filho, Guadalupe, Deodoro, Ricardo de Albuquerque, Realengo, Padre Miguel, Bangu, Vila Kennedy, Santíssimo, Campo Grande, Paciência e Santa Cruz. Mesmo sendo considerada uma das avenidas mais importante da cidade, por ligar o centro da cidade a Zona Norte e Zona Oeste, atualmente se encontra em estado de abandono pela parte pública.

Como designer, e como usuária do transporte público que passa por essa avenida, refleti sobre as informações visuais que recebem as pessoas que precisam passar por ali todos os dias, assim como eu. Ver sempre a mesma paisagem

todos os dias, e ainda por cima, uma paisagem degradada, feia e suja, sem dúvida é um grande incômodo. Além disso, um local em que se passa grande parte do tempo, e muitas vezes em momentos de estresse, nos engarrafamentos pela manhã e a noite, precisava ser no mínimo interessante, que propusesse certa ordem visual.

Baseada nas observações dessas necessidades, me pus a pensar em soluções de revestimento para a grande quantidade de muros abandonados na avenida, como padrões e módulos, visto que essas estruturas dão conta de revestir com mais rapidez uma grande área, através da multiplicação da imagem. Esses padrões e módulos solucionariam a carência da programação visual, em seu sentido mais pragmático possível, sem a preocupação com o suporte técnico para isso.

JUSTIFICATIVA DE RELEVÂNCIA

Desde os primórdios da história do homem, há uma profunda ligação dele com o muro, ou com uma superfície vertical. Já na pré-história, foram os ‘muros’ das cavernas os primeiros locais que receberam registros das atividades mais elementares da vida humana.

Diferente do que se possa imaginar, esses primeiros registros murais estavam associados a espiritualidade e ritos sobre a passagem da vida para a morte. A vida humana agitava-se entre dois pólos: movimento e repouso, não havia a idéia de moradia como um lugar para o qual voltar. Os mortos foram os primeiros a ter moradia fixa, e foi por causa dos ritos espirituais que se praticava nas cavernas onde eram sepultados, que começaram as primeiras inscrições nas paredes das cavernas.

São do período paleolítico os primeiros indícios de vida cívica. As cavernas que eram antigos santuários e montes sepulcrais passaram então a abrigar alguns, e a vida rupreste aos poucos foi sendo ilustrada em suas paredes.

Dando um grande salto na história, no Império Romano, vamos encontrar o termo grafito (do italiano graffiti, plural de graffito), que era o nome dado às inscrições feitas em paredes,

geralmente para fazer comunicados aos cidadãos. Também na formação das cidades, principalmente as medievais, os muros tiveram um papel de suma importância, pois foi em volta dos ‘burgos’, muros que protegiam os castelos, que iniciou-se o comércio, e portanto, a vida pulsante de todas as cidades do atual sistema capitalista.

Que a ligação dos homens com os muros das cidades é algo forte, disso não se pode duvidar. Há ainda hoje, muros sagrados, muros que dividem, muros feitos em guerras, e alguns destruídos depois do fim delas. Os muros estão cheios de significados, mas muitas vezes, esse objeto de grande potencial de comunicação cultural é ignorado, ou menosprezado pela sociedade, pelo poder público. Isso porque quando pensamos em cidade, somos imediatamente remetidos ao poder público, o maior responsável em planejar o espaço urbano. Pensando no tema que foi dado para o desenvolvimento de trabalho de fim de curso de graduação, Arte, Design e Arquitetura, passei a observar a paisagem urbana com olhos de designer, alguém que pode promover um planejamento visual sobre esse espaço. E foi de olhos bem atentos que eu vi o que sempre

olhei mas nunca enxerguei: muros ociosos pela avenida Brasil, a avenida mais importante de uma das cidades mais importantes do Brasil. E nunca os havia enxergado porque não há nada a se ver. Estão cheios de vazios pixados, esquecidos por um montante de trabalhadores que passam diariamente nos transportes públicos. São o cenário do esquecimento, do espaço em que o tempo que se passa por ali, se perde.

Meu projeto visa trazer uma reflexão sobre esse cenário, de cotidiano, de esquecimento, de tempo perdido, sobre as pessoas que passam por aquele espaço. E fazer isso de forma efetiva, ir para a rua, conhecer as medidas desse espaço, conhecer esse muro intimamente, e fazer com que as pessoas que passem por lá todos os dias, possam ter uma experiência diferente. Uma experiência que um designer, alguém habilitado a pensar a realidade e projetar o visual, proporcione aos cidadãos.

OBJETIVOS

O principal objetivo do projeto é fazer uma interferência num muro da Avenida Brasil, proporcionando uma experiência diferente, inusitada e submetida a efemeridade do tempo. Além disso, criar padrões e módulos que possam ser pensados para fazer um rápido revestimento em grandes superfícies como os muros.

Também é objetivo deste, proporcionar uma discussão no âmbito público sobre o estado desses muros e da Avenida Brasil, além de constituir-se num meio para reflexão também nas redes sociais, através do compartilhamento no Twitter e da divulgação do trabalho e sua produção, no YouTube.

Trazer uma discussão sobre arte na escola onde a intervenção no muro foi feita, tanto para alunos, como para professores e funcionários. Mostrar que a arte pode estar inserida na vida das pessoas de forma prática e simples, e que arte e design não é algo para elite, mas para todo ser humano. Possibilitar que os alunos tenham uma experiência próxima com a arte, sem demagogias.

RESUMO

Muro cotidiano é um projeto de design que consiste em fazer uma interferência gráfica em um muro da Avenida Brasil, usando o conceito de modulação para criar uma reflexão na sociedade sobre a condição dos muros abandonados da avenida, e criar novas possibilidades para a programação visual deles.

PALAVRAS-CHAVE

Muro

Padrão

Stencil

Escola

Intervenção urbana

Avenida Brasil, Rio de Janeiro



AVENIDA BRASIL

História

A avenida Brasil foi aberta como um caminho alternativo aos tradicionais percursos realizados pelo interior dos bairros da zona da Leopoldina ou, ainda, por mar ou de trem para se chegar à antiga estrada União-Indústria. Seu traçado, ao longo do litoral da baía da Guanabara, facilitou o acesso a Petrópolis e daí a essa estrada, até então a mais utilizada para se chegar à região de Minas Gerais.

Desde os primeiros anos do século XX, mais precisamente a partir da gestão de Pereira Passos na prefeitura do Rio de Janeiro (1903-1906), se estudava uma forma de ligar o centro da cidade aos bairros situados depois da ponta do Caju, como Manguinhos, Bonsucesso, Ramos, Olaria e Penha, até Irajá, tendo como ponto de partida a avenida Rodrigues Alves e o cais do porto. No entanto, também se considerava a necessidade de se criar uma via que permitisse o acesso mais direto à capital federal.

A primeira tentativa, sem sucesso, para a sua abertura, que atendesse à circulação de veículos automotores, data de 1906. Durante as duas décadas seguintes, seu projeto foi discutido em diversos fóruns, como nos primeiros congressos

brasileiros de estradas de rodagem, iniciados em 1916. Entretanto, no início da década de 1920, a abertura da rodovia continuava apenas um projeto. Em 1922 seria empreendida uma primeira viagem por carro a Petrópolis, reunindo alguns sócios do Automóvel Club.

Durante a presidência de Washington Luís, projetos diferentes e mais ambiciosos para a nova rodovia foram realizados, entre 1926 e 1928, aproveitando trechos do caminho de 1922. Ele faria dessa estrada, juntamente com a primeira Rio-São Paulo, as grandes realizações de seu governo, sintetizadas no seu lema: “Governar é abrir estradas”.

Inicialmente, foram feitos cinco estudos para a nova rodovia. Dentre as propostas, a pelo litoral foi considerada a menos exequível à época. Esse trajeto, entretanto, seria retomado somente vinte anos depois e daria origem ao que se chamou à época variante Rio-Petrópolis, a hoje avenida Brasil. Um outro projeto, de autoria de Jorge Macedo Vieira para o Bairro Industrial de Manguinhos (1927), ao adotar o mesmo trajeto pelo litoral para uma avenida Norte, estaria confirmando o traçado da futura avenida Brasil.

De fato, num primeiro momento, a preferência pela abertura de rodovias era pelo interior. A opção pelo litoral, onde efetivamente passou a nova via, era um campo pouco explorado até a construção da Brasil. Desde 1913, a revista Cosmopolita pedia uma via que passasse pela frente do Instituto de Manguinhos, mas tal trajeto não foi adotado na época, nem mesmo depois, entre 1926 e 1928. A abertura definitiva da variante ocorreria durante o Estado Novo (1937-1945), responsável também pela sua designação – enfim – de avenida Brasil.

Finalmente, a avenida Brasil acompanhou a própria evolução das palavras da cidade associadas às questões viárias – rua, avenida, estrada, auto-estrada, rodovia, via expressa. Essas denominações revelam a própria evolução do pensamento viário e rodoviário brasileiros e a forma dos discursos e representações sobre o tema.



Contexto social

Todos os dias, mais de 250 mil veículos de todos os tamanhos e potências passam por essa via de trânsito rápido. Pessoas de todas as classes sociais, e diversos níveis intelectuais passam por ela, mas em sua grande maioria são pessoas de classes C e D, que se deslocam em direção ao centro e à zona sul da cidade, para o trabalho. Em geografia, esse movimento poderia se assemelhar ao chamado movimento pendular: simples fluxos populacionais que não correspondem verdadeiramente a migrações, pois não são realizados com intuito de mudança definitiva, estando embutida na saída do indivíduo a idéia concreta do seu retorno ao local de origem. Ou seja, todos os dias, milhares de pessoas percorrem por volta de 50 quilômetros, o equivalente a 1 hora e 30 minutos até 3 horas, dependendo do fluxo do trânsito, para chegar ao seu local de trabalho, e da mesma forma, para retornar a sua casa.

Por outro lado, a condição atual da avenida, sob vários aspectos, é lamentável. Com um descaso de anos, não apenas o asfalto, mas também o entorno da avenida estão em situação precária. O que antes era um lugar de muito investimento de grandes empresas e indústrias foi abandonado por conta do processo de esvaziamento industrial do Rio de Janeiro, com

a desocupação de inúmeros galpões em toda a Região Metropolitana, particularmente em áreas próximas às favelas. Segundo a Companhia de Desenvolvimento Industrial do Estado do Rio de Janeiro - CODIN, a insegurança gerada nessas áreas contribui, sobretudo, para o deslocamento das indústrias de pequeno e médio porte.

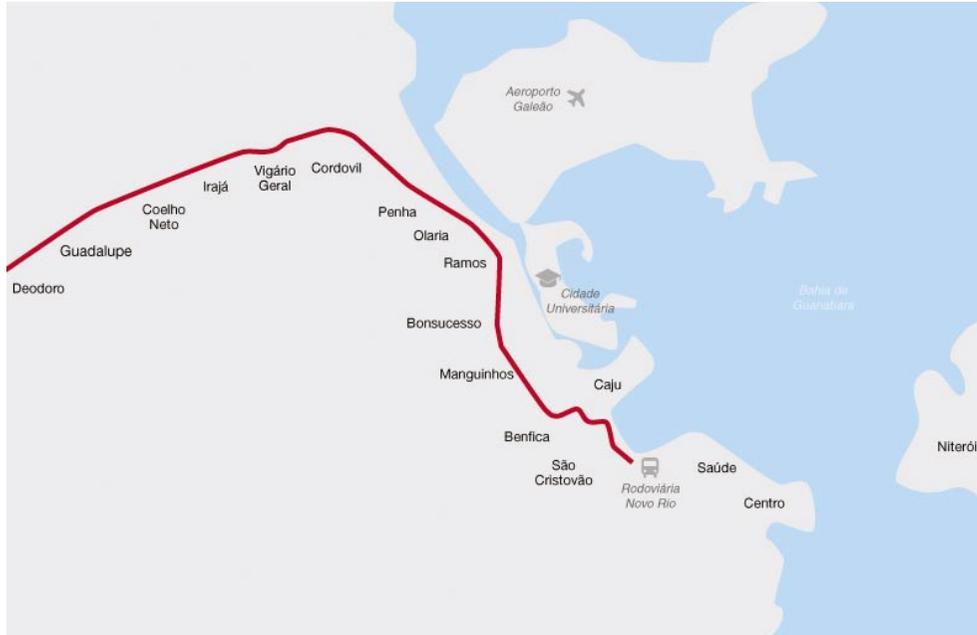
Devem ser considerados ainda outros fatores não ligados à questão urbana, como novas formas de produção devido ao avanço tecnológico; a transmissão de informações; e a guerra fiscal promovida por diversos estados que oferecem isenções, atraindo grandes indústrias para o Nordeste e o Sul do país. A transformação

econômica, seja qual for sua causa, conduziu não só ao esvaziamento industrial como à dificuldade de reaproveitamento dos imóveis projetados com fins específicos e à degradação de seu entorno, pois o comércio e as pequenas atividades afins perderam a razão de existir.

Contudo, impressiona-me o fato de todos os dias, tantas pessoas fazerem o mesmo percurso e não haver nenhum cuidado especial da parte do governo ou mesmo da iniciativa privada em criar para esses trabalhadores, um momento de viagem mais prazeroso ou pelo menos, menos monótono. Dessa forma, acredito ser papel do designer também, pensar e propor soluções para

a melhoria da qualidade de vida dos habitantes da cidade, proporcionando no ambiente urbano, espaços que instiguem o seu olhar, e não apenas vazios entre um lugar e outro. É necessário que haja uma continuidade visual projetada por toda a área da cidade.

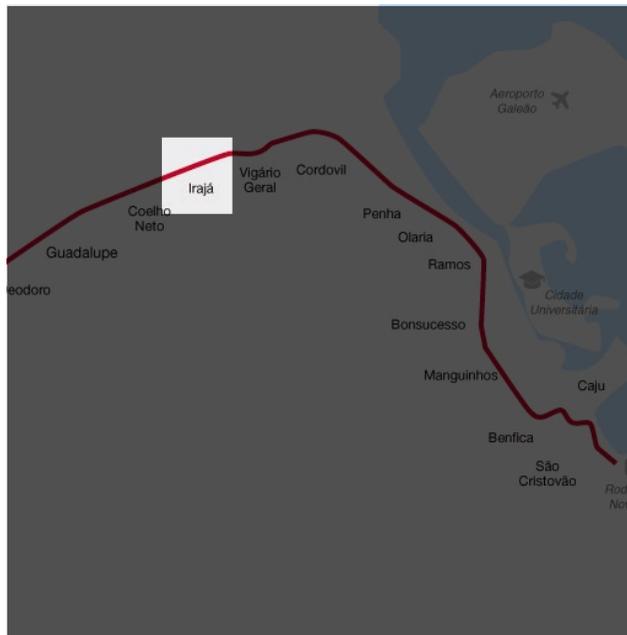




TRAJETO

Escolha: características físicas e sociais

A princípio, havia escolhido fazer uma intervenção em um muro na área de Manguinhos. Isso porque lá havia uma série de muros de grande extensão, com algumas pixações, o que indicava ser uma área aparentemente fácil para tal tarefa. Porém, ainda observava um muro que me parecia interessante sob diversos aspectos, localizado em Irajá. Trata-se de um muro de uma escola pública do município do Rio, que faz esquina com a Rua Molière, além de ter um ponto de ônibus em sua frente. Tais características se mostraram muito positivas e agregadoras ao trabalho.



Pelo fato de estar localizada numa esquina e ter um ponto de ônibus em frente, a movimentação é grande, e mais pessoas seriam atingidas, causando um maior impacto no espaço urbano daquela comunidade, além das pessoas que passam pela avenida.

Por ser um muro de uma escola, o potencial modificador e reflexivo que traria para os alunos e professores seria incrível. Diante do descaso com a educação pública, as escolas carecem do elementar, e obviamente por conta de nossa cultura, a arte acaba sendo um elemento deixado em último lugar, ou ignorado. Sendo assim, meu próximo passo foi procurar a direção da escola para saber da possibilidade fazermos uma intervenção lá.





Dimensões e características do muro

O muro tem 2,10 metros de altura e 50 metros de extensão. Sua superfície é muito irregular, sendo chapiscado de cimento com uma tinta aplicada em cima. Muitas partes próximas ao chão estavam sem a cobertura do chapiscado, o que dificultava a pintura, e tornava o tom daquela área mais escuro. Havia alguns grafites e pixações, degradavam a imagem da escola.



A ESCOLA

Características sociais

Foi escolhida a Escola Municipal Conde Pereira Carneiro, situada na rua Molière, 10, em Irajá, Rio de Janeiro. Irajá é um bairro da Zona Norte da cidade e é cortado pela avenida Brasil. A escola em questão se situa em uma das esquinas da Avenida. Fui conversar com a diretora, Carla Cabral Machado, para saber da possibilidade de fazer a intervenção no muro e conhecer um pouco mais da escola, a fim de poder contribuir de forma mais efetiva, como designer.

A escola tem 730 alunos, 36 professores e 18 funcionários, atendendo do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, funcionando no primeiro e segundo turno. Durante a noite, a escola também funciona oferecendo Ensino Médio, mas administrada pelo Governo do Estado.

Existem muitas comunidades de baixo poder aquisitivo que são atendidas pela escola, como o Amarelinho, Acari, Coelho Neto, Fazenda Botafogo, Pedreira e Bairro Araújo.

Relação da escola com o muro

A idéia de poder trabalhar no muro de uma escola abriu uma possibilidade nova de agregar valor social para os alunos. O muro da escola é um lugar muito visto pelos alunos e é seu maior ponto de referência do lado de fora. Ao receber essa intervenção, o entorno da escola estaria sendo valorizado e conseqüentemente a auto-estima do aluno. Isso porque os alunos tem um alto nível de identificação com sua escola, pois é onde passam a maior parte de sua vida, aprendendo sobre tudo, formando seus conceitos e valores. Ou seja, olhar para o muro, e agregar valor a ele, seria ao mesmo tempo olhar para o aluno e agregar valor a sua identidade.

Além disso, o projeto traria uma aproximação dos alunos com a arte. É comum que crianças de escolas públicas não tenham quase nenhum acesso a museus e galerias de arte em geral, ou até mesmo conhecimento de pesquisas. O mural seria uma oportunidade de mostrar que a arte pode estar no seu cotidiano também.

A diretora Carla prontamente nos atendeu, e se mostrou muito receptiva ao projeto. Além do projeto do mural, propriamente dito, me comprometi a dar um *workshop* sobre a técnica de stencil, após minha formatura. Apoiada por uma amiga que estuda Pedagogia, Carina de Almeida, pretendo montar um plano de ação para ministrar o curso, com uma atividade prática no final, com os alunos.

O MURAL

Tema

Pesquisei sobre Muralismo Mexicano, Muralismo Brasileiro, dentro dos quais, visualmente me identifiquei mais com o trabalho de Paulo Werneck, por seu estilo mais abstrato e geométrico, ao mesmo tempo orgânico. Tanto o Muralismo Brasileiro, quanto o Mexicano se mostraram muito engajados politicamente, uma característica que a princípio não se mostrava agregadora ao trabalho, visto que esse visava muito mais a experiência do observador naquele espaço urbano.

Baseada no contexto do trajeto cotidiano, passei a pensar em padrões que comunicassem movimento, ritmo, e passagem de tempo. A questão do movimento se tornou um ponto muito forte e, conseqüentemente, um ponto de partida para este projeto. Meu interesse em especial pelos muros e pela street art, me fez pensar em como eu poderia trabalhar os muros ociosos pensando-os sob o ponto de vista do movimento físico. Depois de algumas pesquisas

sobre muralismo, mosaicos, percebi que deveria me ater a experimentos com cartazes ao decorrer de um grande muro na avenida Brasil. Isto como forma de levar as pessoas a pensarem sobre os muros, e também a iniciativa privada, bem como o governo.

Tendo chegado a essa conclusão, comecei a esboçar os primeiros desenhos sobre movimento e ritmo. Isso porque, movimento e ritmo tem uma ligação direta. O ritmo é um padrão forte, constante e repetitivo; é a expressão de uma forma no tempo. Porém, estava tendo dificuldades em criar uma ordem para tal criação. Uma solução foi me basear num roteiro, que tivesse certa progressão.

Sendo assim, me inspirei na história da criação do Mundo, segundo o livro de Gênesis, pertencente à Bíblia cristã e à Torá. Segundo esse livro, o mundo foi criado em 7 dias, e cada dia foi designado a uma parte da criação específica.

Gênesis 1

1. No princípio criou Deus os céus e a terra.
2. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.
3. E disse Deus: Haja luz; e houve luz.
4. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas.
5. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.
6. E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas.
7. E fez Deus a expansão, e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão; e assim foi.
8. E chamou Deus à expansão Céus, e foi a tarde e a manhã, o dia segundo.
9. E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi.
10. E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares; e viu Deus que era bom.
11. E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nela sobre a terra; e assim foi.
12. E a terra produziu erva, erva dando semente conforme a sua espécie, e a árvore frutífera, cuja semente está nela conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.
13. E foi a tarde e a manhã, o dia terceiro.

14. E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos.
15. E sejam para luminares na expansão dos céus, para iluminar a terra; e assim foi.
16. E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas.
17. E Deus os pôs na expansão dos céus para iluminar a terra,
18. E para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que era bom.
19. E foi a tarde e a manhã, o dia quarto.
20. E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus.
21. E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e toda a ave de asas conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.
22. E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra.
23. E foi a tarde e a manhã, o dia quinto.
24. E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi.
25. E fez Deus as feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil da terra conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

26. E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.
27. E criou Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.
28. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.
29. E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento.
30. E a todo o animal da terra, e a toda a ave dos céus, e a todo o réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde será para mantimento; e assim foi.
31. E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto.

Gênesis 2

1. Assim os céus, a terra e todo o seu exército foram acabados.
2. E havendo Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito.
3. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que Deus criara e fizera.

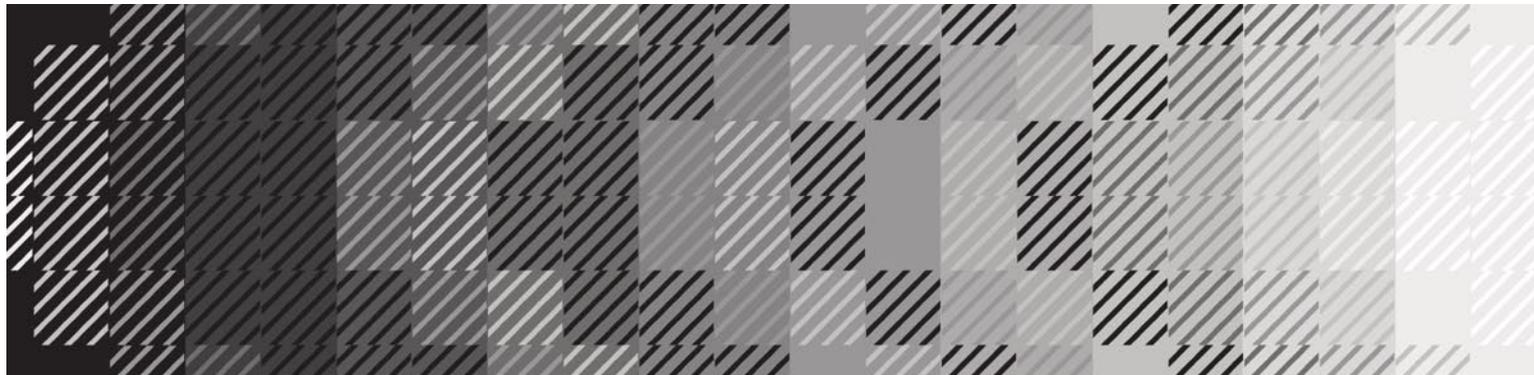
Texto retirado da Bíblia Sagrada, Versão Almeida Corrigida e Revisada Fiel. (ver bibliografia)

Para cada dia da criação, eu abstraí um conceito, a saber:

Primeiro dia | luz

cap. 1, vers. 3: “E disse Deus: Haja luz; e houve luz.”

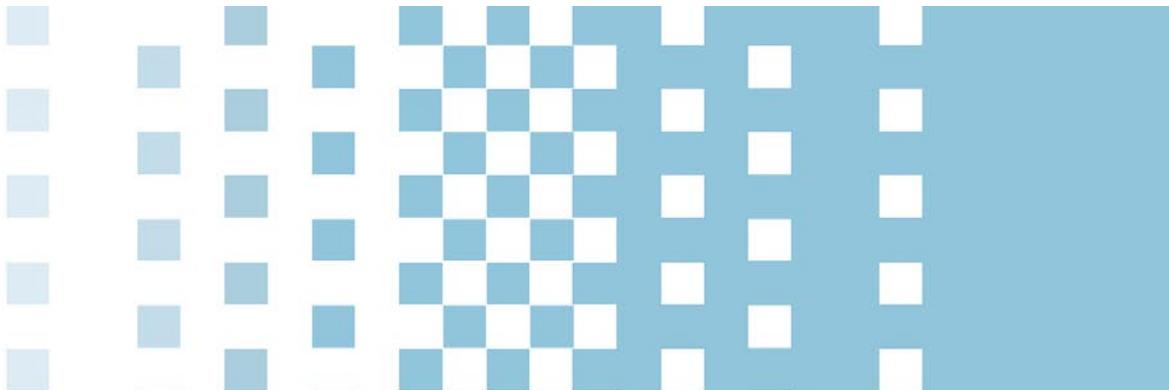
Luz: Representada pelo sol, o conceito de luz é o indício de que mais um dia está começando. Luz é o que dá o ponto de partida, retira o sono.



Segundo dia | expansão

cap. 1, vers. 6: “E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas...”

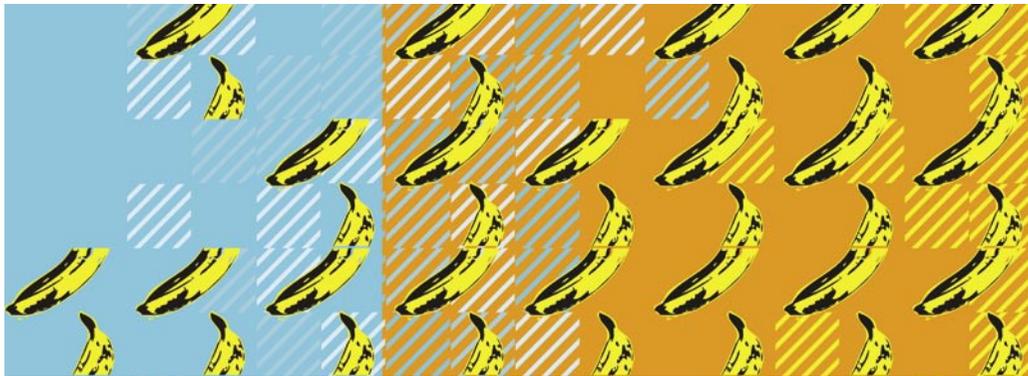
Expansão: apenas o estímulo externo, como a Luz, não é suficiente para que comece a vida, ou as atividades do dia. É necessário que o ser humano se expanda, é o despertar da sonolência, é o acordar pra viver. É sair do cômodo, sair da inércia.



Terceiro dia | energia

cap. 1, vers. 11: “E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto (...)”

Energia: é o combustível do ser humano. É a fonte, o que você faz pra ter ‘poder’ de fazer, de viver.



Quarto dia | tempo

cap. 1, vers. 14: “E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos.”

Tempo: ele é o mais imprescindível dentro do espaço. Tudo ocorre dentro dele, e calculá-lo é fundamental para o cotidiano.



Quinto dia | movimento

cap. 1, vers. 22: “E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei (...)”

Movimento: é a questão física. São as energias sendo gastas, os músculos saindo da inércia; é a praticidade das atividades que precisam ser executadas.



Sexto dia | ciência

cap. 1, vers. 26: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.”

Ciência: é a característica do ser humano. Representado por Adão, é o momento onde o elemento do pensar aparece. O que difere os homens das máquinas, dos animais, o que lhes dá a opção de escolher por si só, de modificar, de transformar e de criar.



Sétimo dia | descanso

cap. 2, vers. 2: “E havendo Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito.”

Descanso: é a prova da sua humanidade, da sua limitação, da sua necessidade de reabsorção.

Ao término de todos os dias, é necessário ao ser humano, o descanso. No outro dia, recomeça o ciclo.



Cada conceito desse, pertence ao cotidiano das pessoas e formam um ciclo que recomeça a cada novo dia. São conceitos que estão dentro das 24 horas de uma pessoa qualquer, essenciais para a vida.



STREET ART E A POP ART

História

Meu trabalho tem uma certa ligação com a Arte Urbana e a Pop Art, por serem movimentos artísticos que usaram expressivamente a técnica do stencil.

A palavra “pop”, da Pop Art, foi usada publicamente pela primeira vez no âmbito das artes visuais num quadro exibido na Galeria Whitechapel de Londres, em 1956. Ela vinha estampada num avantajado pirulito vermelho trazido à altura dos genitais por um fisiculturista seminu na colagem intitulada “O que é que torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?”. Quase todas as figuras dessa espirituosa colagem foram tiradas de revistas americanas. O artista responsável por ela – Richard Hamilton (nascido em 1922) – era membro de um movimento informal de críticos, pintores, arquitetos, escultores e acadêmicos britânicos conhecido como Grupo Independente, que se reuniu pela primeira vez, em 1922, no Instituto de Arte Contemporânea de Londres para discutir

o interesse comum pela cultura de massa americana contemporânea, de propaganda e embalagens à música popular, revistas e histórias em quadrinhos.

A exposição de Whitechapel “Isto é o amanhã” tanto celebrava a cultura popular comercial – utilizando efeitos como uma jukebox tocando o tempo todo – como expunha obras de artistas que, como Hamilton, tinham um pé na tradição das belas-artes, mas se interessavam pelas imagens e técnicas da cultura de massa. Hamilton assim enumerou as características da arte que apreciava: “popular (feita para o grande público); efêmera (extinção em curto prazo); descartável (facilmente esquecível); barata; produzida em massa; jovem (dirigida para a juventude); espirituosa; sexy; glamurosa.

Na década de 1980, o grafite, supostamente uma das formas mais antigas de arte urbana moderna, surgiu como o mais recente produto do mundo artístico institucional. A arte urbana se originou no fim da década de 1960 e

início da década de 1970, na Filadélfia, onde grafiteiros pioneiros como Cornbread e Cool Earl trabalhavam, e ganhou notoriedade em Nova York. Esse período inicial do grafite se inspirava na cultura popular e nos desenhos animados (famosos na obra de Vaughn Bode e Roy Lichtenstein), ao mesmo tempo criando uma cultura social e estética única: o reino da coletividade se dedicaria exclusivamente a produção de imagens ilegais e efêmeras.

Técnica do stencil

No fim da década de 1990, os artistas de rua usavam várias mídias como adesivos, cartazes e stencils. O uso de stencils se tornou a forma mais comum de arte de rua porque a produção das matrizes é relativamente fácil e também por sua legibilidade, o que vê na quantidade e na qualidade das obras de Banksy, entre outros.

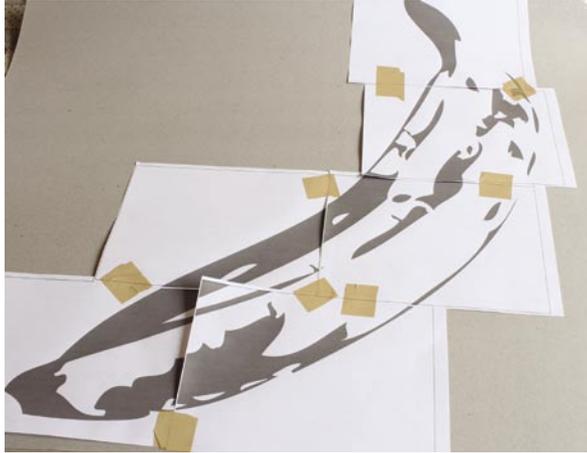
SUPORTE

A princípio, tinha a idéia de imprimir cartazes grandes, mais conhecidos como lambe-lambe, com padrões abstratos, que remetessem a movimento, ritmo, ou jogassem com a questão da ilusão de ótica. Porém, a produção desses se mostrou inviável do ponto de vista temporal e financeiro. Sendo assim, parti para a opção de fazer uma pintura, haja visto que o grande diferencial era proporcionar uma experiência espacial nova para o usuário do transporte público, torando o suporte um ponto menos importante, desde que houvesse uma interferência real naquele espaço.

O projeto gráfico já havia sido fechado, pensando na idéia de padrões. Para isso, a técnica do stencil se mostrou a mais adequada, pois permitia a produção de um elemento que se repetiria fácil e rapidamente

ao longo do muro. A partir de uma base de tinta branca, faríamos a divisão do mural em 7 partes, e cada parte receberia seu fundo de cor específico. Feito isso, viríamos com a pintura em stencils com tinta spray, pincéis e rolinhos, dependendo da técnica que melhor se adequasse a cada padrão.

Os stencils foram desenhados no programa de computador Adobe Illustrator e impressos por partes em folhas de formato A4, em tamanho real. A seguir, foram montados sobre papel de maior gramatura viria a ser a matriz do stencil. Este poderia ser cortado direto, ou transferido para a folha de papel mais grosso, passando pastel seco na parte de trás das folhas A4, e depois reforçando o desenho dos traços em cima, de maneira que o papelão do stencil ficasse marcado com o pó do pastel, e o corte pudesse então ser feito.



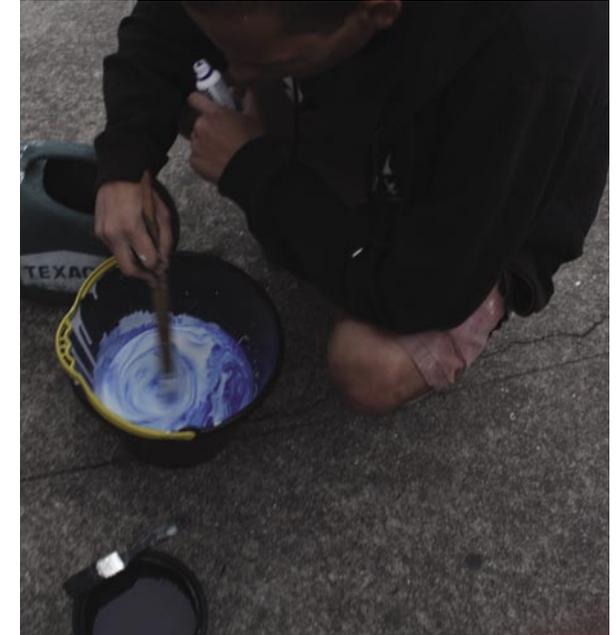
PRODUÇÃO

Tintas

Foram usados 18 litros de tinta branca para pintar o fundo e fazer as outras cores de fundo com corante, mais uma lata de 3,6 litros de preto. Isso porque o preto não se consegue fazer com corante.

Ao comprarmos o corante, a quantidade não foi suficiente, porém por mais que adicionássemos corante à base, há um momento que a cor da tinta fica 'saturada' e não se acentua além do tom meio pastel.

As tintas em spray foram o maior desafio, pois é necessário uma tinta própria para grafite. As tintas em spray encontradas comumente no mercado não são apropriadas para pintura em muro, e geralmente não têm uma cobertura desejável, além de que escorrem facilmente. No Rio de Janeiro, há 5 lojas especializadas de grafite, isso porque essas tintas são importadas, não há produção no Brasil. O que acaba ocorrendo é que as lojas encomendam uma grande quantidade e os produtos vão acabando. Quando não há mais produtos em estoque é que se faz um novo pedido, fazendo com que não haja tinta por um tempo. Infelizmente, essa escassez ocorreu justamente na semana da pintura, fazendo com que tivéssemos que improvisar com outros sprays. Esses tinham muita pressão, e quando apertados, dispersavam grande quantidade de tinta, agravado pelo vento.



Pintura

A pintura começou no sábado a tarde, dia 20 de novembro, às 15 horas e terminou às 23h30 do dia 21, domingo.

A equipe, totalizando 10 pessoas, foi formada por meus amigos Herbert de Almeida, Tainan Cabral, Isadora Nascimento, Emerson de Almeida, Carina de Almeida, Caroline Monteiro, Lucas Costa, Yuri Gonçalves, Leonardo Nunes, Thamata Marini e eu mesma. A base de operações, onde guardamos todas as tintas e material acessório, foi na casa do Herbert, que ficava a uma esquina da escola, onde

frequentemente pegávamos água, necessária para lavar os pincéis.

Por conta da experiência de fazer grafite, Herbert, Tainan e Isadora foram meus consultores e aqueles que estavam mais a frente na pintura. Tive que ficar coordenando as outras pessoas, ver material que estava faltando, auxiliar alguma pessoa que estava tendo certa dificuldade de compreender o layout, verificar se as filmagens e registros fotográficos estavam sendo feitos. A parte de filmagem e fotografia ficou em grande parte com o Yuri, que é *camera man* e editor, e com Lucas.



Por causa das condições físicas do muro, precisou-se fazer uma base de cal, em torno de 14 litros, para que, ao aplicar a tinta, o muro não a absovesse, resultando num tom de branco meio transparente. Rapidamente, o cal criava uma camada de impermeabilidade e já dava uma base branca, facilitando a pintura posterior.

Depois de aplicado o cal em todo o muro, iniciou-se o processo de receber as tintas em suas respectivas bases de cor, na sequência, da esquerda para a direita: preto, cinza escuro, cinza médio, cinza claro, branco, azul, laranja, amarelo, branco, vermelho, amarelo, branco, azul claro.

É claro que para maior rapidez na execução, as partes foram divididas. Cada duas ou três pessoas trabalhavam em uma das partes do mural, enquanto as outras iam pintando o fundo de outra das 7 partes, ou dando o retoque em uma outra, dependendo da necessidade.

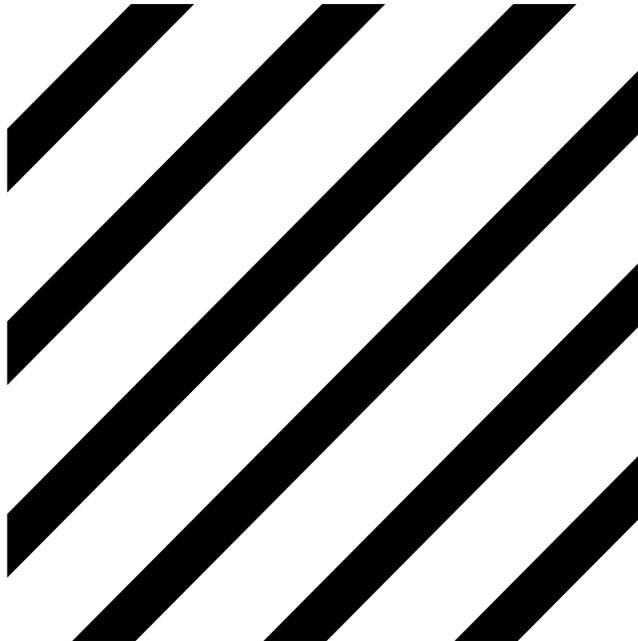
Foi adicionado a este material, o vídeo da produção do mural, e está dentro do cd que segue em anexo ao final do relatório.

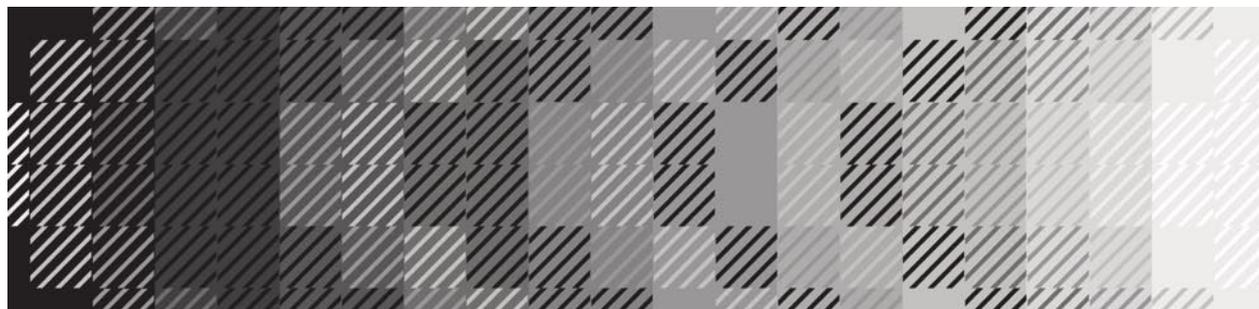
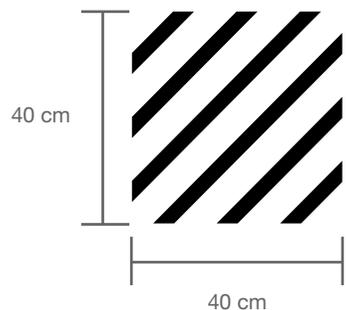




Concepção e produção dos desenhos

Painel Luz: para dar a idéia de luz, pensei em algo que fosse escuro e a luz aparecesse aos poucos. Criei algo como uma gradação de fundo, um preto passando por cinzas até chegar ao branco, com um stencil de listras, medindo 40 x 40cm, aplicados por cima, usando também a idéia da do escuro.





Com base no desenho pensado na fase de criação, produzi em stencil de formato 40x40 cm. Começamos fazendo uma base de tintas de tons graduais, sendo: camada de tinta preta, cinza escuro, cinza médio, cinza claro e branco. Depois do muro ter recebido todas as tintas, começamos a pintura com o stencil, usando as mesmas cores usadas para pintar a parede. Pintamos com pincel e tinta spay. Iniciamos localizando o stencil no meio da parede. A pintura foi feita da esquerda para a direita, e o

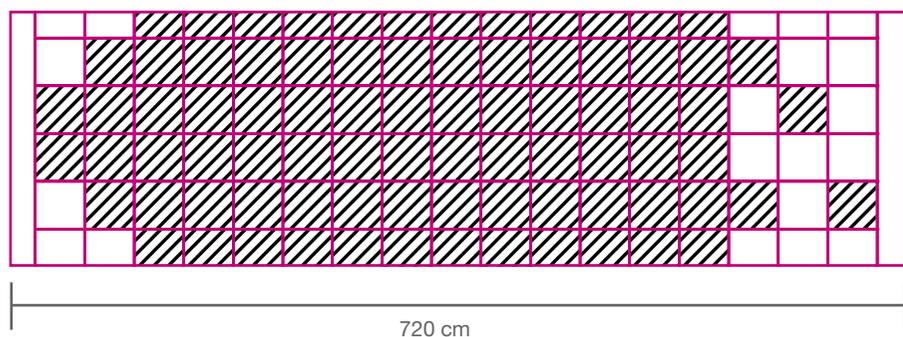
registro para cada próximo stencil era tirado do último pintado, fazendo com que se 'enconstassem'.

É claro que o desenho original continha mais tons de cinza, mas isso demandaria muito mais tempo de preparo, e a falta de alguns tons não prejudicaria a totalidade do projeto.

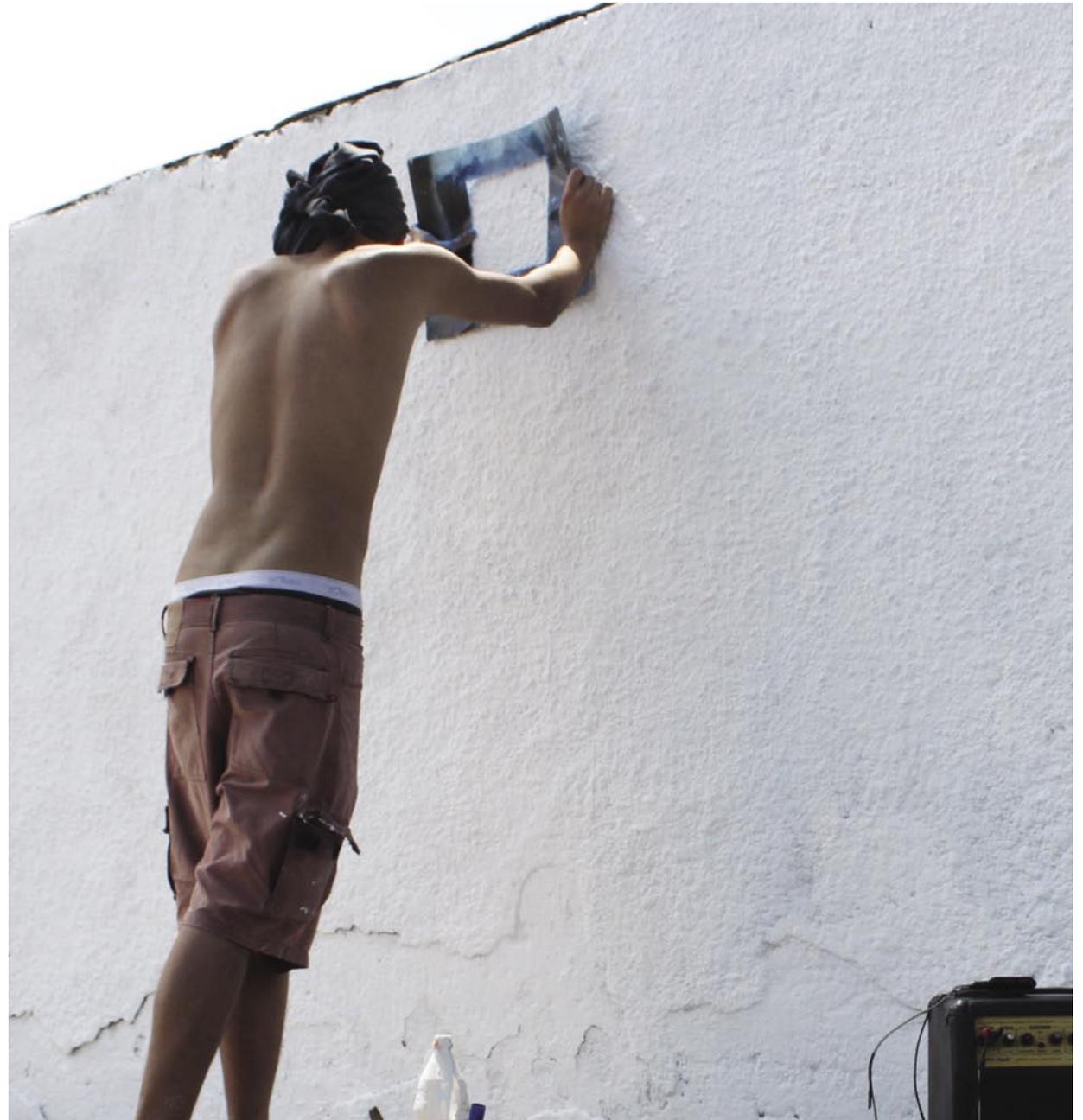
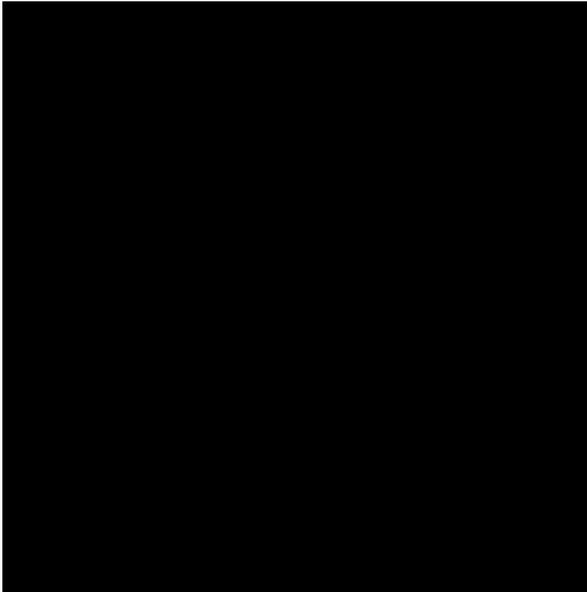
Acima à esquerda, o módulo, à direita, o desenho inicial. Abaixo, a grid final, com o resultado final no muro à direita.

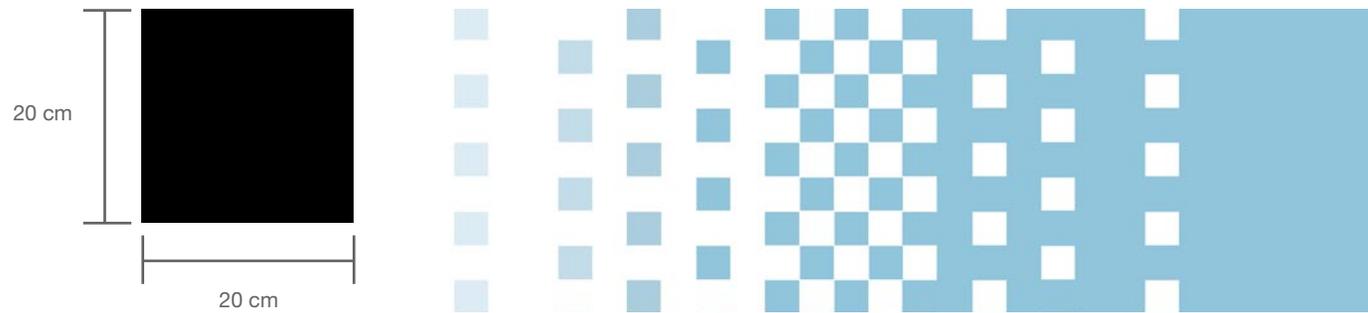


Preparação das camadas de base, com os tons de cinza e branco.



Painel expansão: módulos de stencil quadrado, medindo 20 x 20cm, para que os quadrados vão se separando, criando a sensação de partículas que se soltam umas das outras.

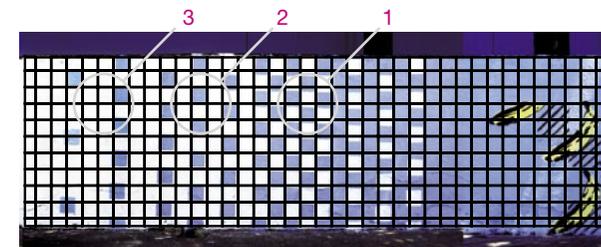




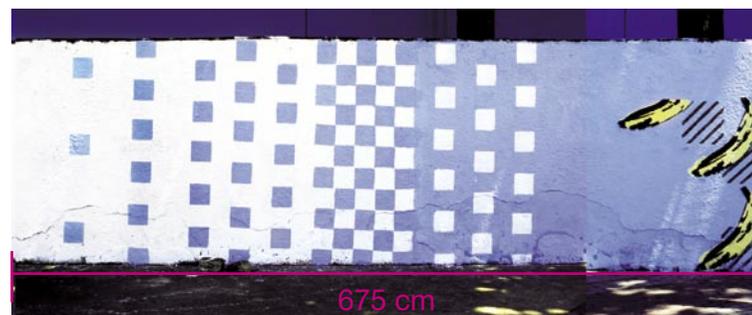
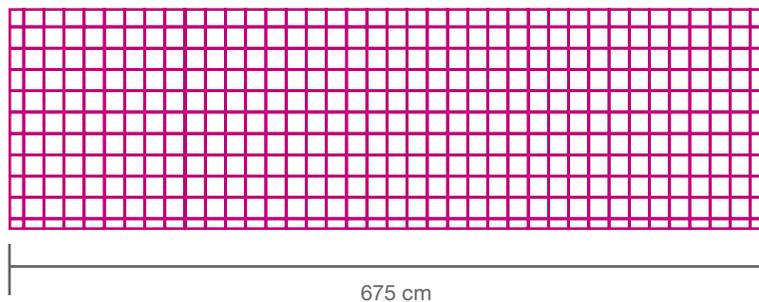
Para este segmento do mural, foi confeccionado um stencil que é simplesmente um quadrado vazado no papel de filme radiográfico. Depois de definida a área de pintura do segmento Luz, selecionamos uma áreas em torno de 7 metros e dividimos de forma que metade do segmento recebesse tinta azul e a outra metade, tinta branca. Feito isso, começamos a fazer a pintura com stencil à pincel, com tinta azul sobre a parte branca, começando do meio, pintando um quadrado e deixando um espaço de um quadrado pra cima e pra baixo, de maneira a

formar um quadriculado, da esquerda para a direita⁽¹⁾. Depois de 4 colunas de quadriculado, passamos a dar uma distância de um quadrado entre as colunas⁽²⁾. Depois dessas 3 colunas, passamos um espaço de 2 quadrados entre as colunas⁽³⁾, para dar a sensação de afastamento gradativo. Depois, foi repetido o mesmo processo na área azul.

Acima à esquerda, o módulo, à direita, o desenho inicial. Abaixo, a grid final, com o resultado final no muro à direita.

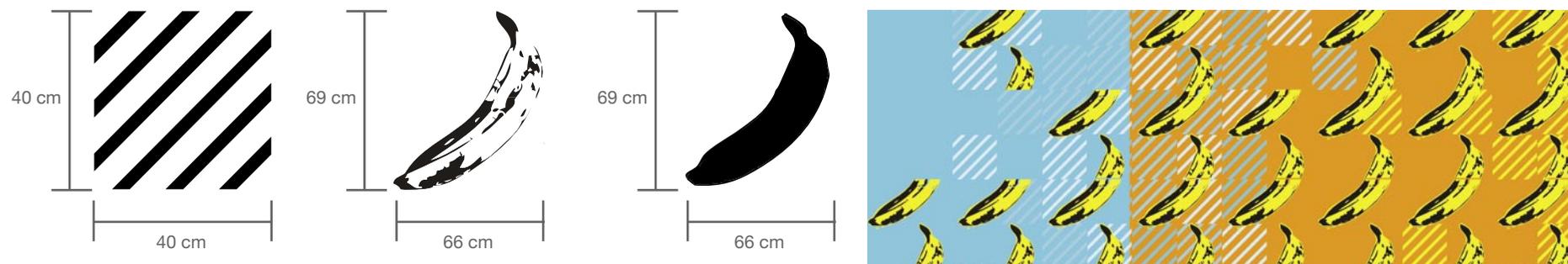


Aplicação da grid no muro.



Painel Energia: módulo de stencil quadrado, medindo 80 x 80 cm, da obra “Banana”, 1966, de Andy Warhol. A banana expressa energia, além de ser um ícone do Movimento Pop. São 2 camadas para este stencil: uma do preenchimento do fundo e uma do preto das manchas da banana.





Este segmento Energia, contou com a confecção do stencil do primeiro segmento e de mais um inspirado na banana de Andy Warhol. Ao final da área azul do último segmento, demos uma base de tinta laranja e depois de uma distância de 4,15 metros, pintamos de amarelo. O amarelo depois do laranja, tinha o objetivo de suavisar a transição do segmento para o próximo.

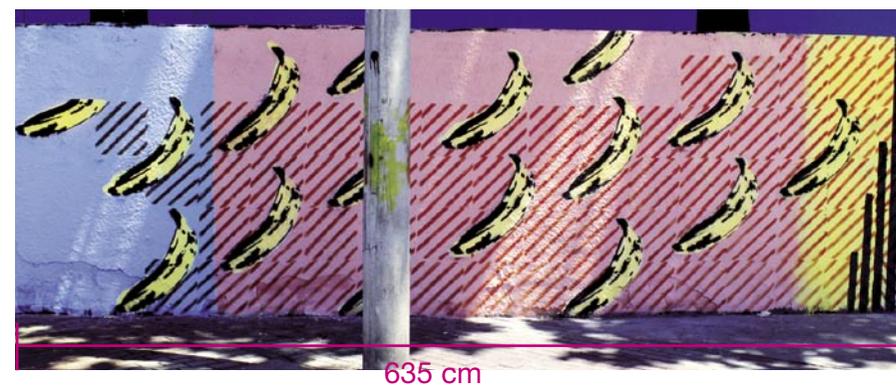
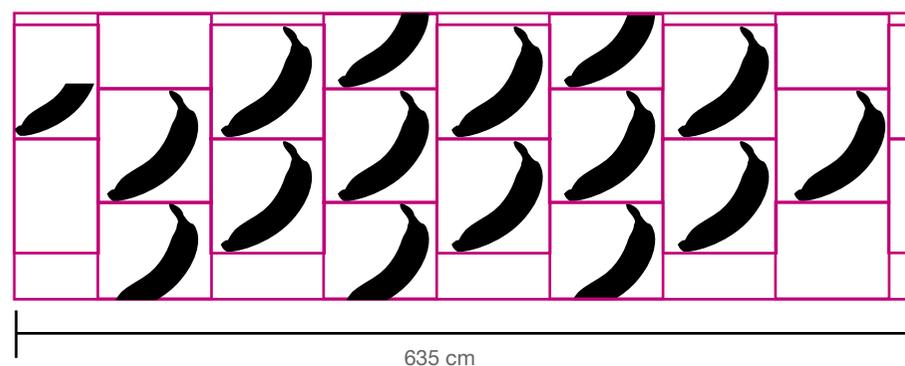
Feito isso, partimos para a pintura do stencil. A imagem da banana era formada por um stencil, pintado a pincel, que dava a base amarela.

Depois da base pintada, pegava-se o outro stencil, que daria o efeito de sombra, fazia-se a pintura com o spray preto. A distância de um para o outro era demarcada pelo formato quadrado da própria forma do stencil, como mostra no diagrama da grid, sendo que para as laterais, o quadrado se desloca na posição vertical até a metade da sua própria altura.

A grid não é toda preenchida propositalmente, para criar um estranhamento visual e para dar novamente uma suavidade na transição dos

segmentos. E por fim, começando do chão, pintamos com o stencil de listras, na cor laranja, sem passar por cima das bananas.

Acima à esquerda, o módulo, à direita, o desenho inicial. Abaixo, a grid final com a aplicação da figura dentro de um dos módulos da grid, com o resultado final no muro à direita.



Painel Tempo: Foram feitas listras em preto, que a princípio teriam sempre a mesma medida, dando a idéia do mesmo tempo no compasso. Porém, na hora da execução tal idéia foi substituída por outra de listras irem engrossando, passando a idéia de algo que vai sendo preenchido ou aumentando, como numa gradação.

Foram produzidos os stencils das palavras também. A tipografia escolhida foi a Univers por ter uma melhor legibilidade. Foram feitos 'cortes' nas letras para que as partes internas pudessem aparecer.

TEMPO: PASSA OU PERDE?





Este segmento recebeu uma base de tinta branca. Feito isso, arrumamos um pedaço de madeira fino e comprido, como mostra a foto ao lado. Antes de fazer as listras pretas, posicionamos os stencils das letras no muro e marcamos com giz de cera. Os stencils das letras tinham 43 cm de altura, mudando a largura de dependendo da letra do alfabeto, dentro das proporções intrínsecas a própria família tipográfica. As marcações seriam para

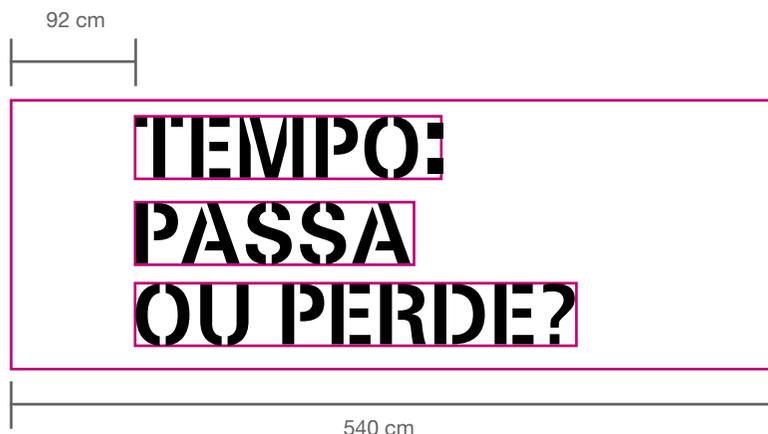
que quando fizéssemos a pintura das letras, não pintássemos na parte demarcada pelo giz de cera. Assim, pintaríamos de preto a contraforma da letra, ao invés de preenche-la de branco. Depois fazer todas as marcações, o pedaço de madeira serviu de gabarito para fazer as linhas verticais pretas. Era pintada à pincel, uma linha na espessura próxima ao taco de madeira e um espaçamento da mesma espessura. Porém, no dia, resolvemos acelerar o processo e ir

aumentando gradativamente a espessura, além do fato de que essa escolha amplia a idéia de gradação do tempo.

As letras começam pequenas, na esquerda, “surgindo” do chão, e ao final do segmento elas se deslocam para cima, dando a idéia de movimento, novamente, além das linhas adentrarem os outros segmentos.

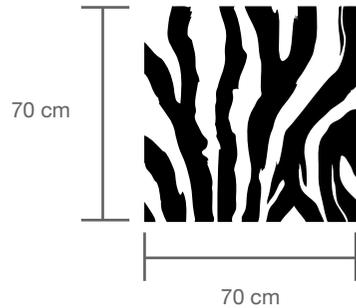
Acima à esquerda, o módulo, à direita, o desenho inicial. Abaixo, a grid final com a aplicação da figura dentro de um dos módulos da grid, com o resultado final no muro à direita.

Como as listras foram aumentando gradativamente, sem uma medição matemática, elas se tornaram parte expressiva que transgride a grid, prevendo esta, apenas a localização das letras.



Painel Movimento: módulo de stencil, medindo 70 x 70cm, com grafismo inspirado nas listras da zebra. Essas listras transmitem movimento e remetem à natureza. Algumas reentrâncias do desenho foram descartadas, e portanto, mascaradas, para facilitar a aplicação do spray.





A princípio, como mostra o desenho de concepção, este segmento receberia uma base de tinta amarela. Porém, a tinta spray amarela que compramos para pintar as “bananas” do terceiro segmento não funcionou, e acabamos gastando a maior parte da tinta amarela para pintar as “bananas”. Sendo assim, tivemos que improvisar e acabou que esta parte ficou sem a base amarela, o que mudou um pouco a característica visual do segmento.

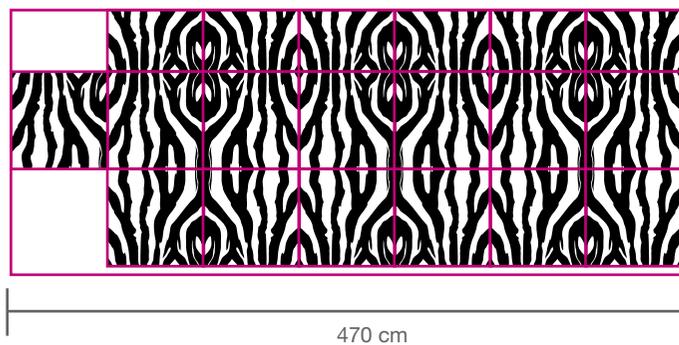
Tendo a base recebido uma base branca e um pouco de amarelo no início, viemos com

o stencil, orientando o início da pintura bem rente ao chão. Pintamos com spray verde, o que rendeu alguns problemas, pois a tinta não se mostrou muito favorável, mas como era de tom escuro, pelo menos teve uma cobertura de superfície razoável. Também tivemos que jogar a tinta bem de leve e ser rápidos para não desperdiçar, pois só havia uma lata dessa cor, por um erro de contagem.

No momento da pintura dos stencils, um dos integrantes rotacionou o stencil para que as listras se encaixassem. Isso não estava previsto

e teve que ser incorporado no projeto, o que fez com que o desenho final se distancia-se um pouco do original. Pintamos por entre as listras com a cor de base do próximo segmento, para dar a idéia de que um está penetrando no outro, idéia de continuidade.

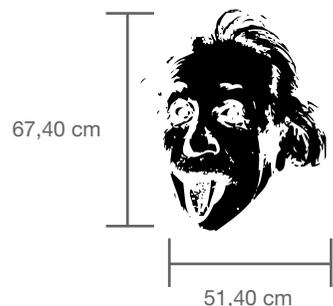
Acima à esquerda, o módulo, à direita, o desenho inicial. Abaixo, a grid final com a aplicação da figura dentro de um dos módulos da grid, com o resultado final no muro à direita.



Painel Ciência: módulo de stencil, medindo 70 x 70cm, com uma famosa foto de Albert Einstein. Einstein seria um símbolo da ciência e do pensamento humano.

A princípio o stencil seria composto apenas por uma camada, sendo o rosto do Einstein todo branco. Porém, na hora da execução, foi proposto fazer um rosto branco e adicionar sombras pretas. Para isto, foi necessário duas máscaras de stencil: uma do contorno vasado, que seria pintado de branco; e outra para os detalhes em preto. Seguem o desenho que foi usado como base e a aplicação no muro.





Nesse caso, a idéia era fazer uma base de tinta vermelha e depois pintar de branco o stencil do rosto do Einstein. Porém, como esse stencil foi colaborativo, seu desenho final acabou contando com duas cores: um fundo branco, pintado a pincel e traços em preto, pintados com spray.

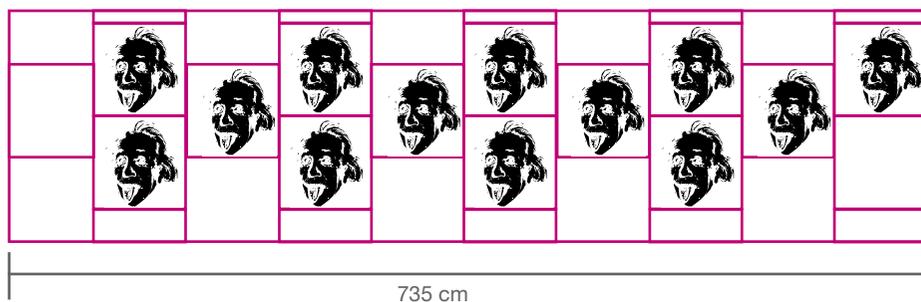
Quanto à cor da base, não conseguimos chegar exatamente no tom de vermelho que queríamos, pois isso é impossível através de corante. Infelizmente não houve uma indicação dos vendedores ou do fabricante em relação a isso. Mesmo assim, o resultado da cor se mostrou satisfatório pois ficou vibrante.

Depois da base de tinta vermelha, pintamos o contorno do rosto vazado de branco. Por conta da hora e pelo local ser localizado em uma esquina, estava ventando muito, e foi preciso duas pessoas para segurar o stencil e um aparador para evitar que o vento rasgasse o stencil. Precisamos colocar uma tábua fina de madeira, um pouco maior do que o stencil, para que o vento não levasse o stencil, que tinha muitas reentrâncias e estava molhado da tinta, o que o tornava muito frágil. Por conta dessa demanda não pudemos registrar, pois todos no local estavam envolvidos com a produção,

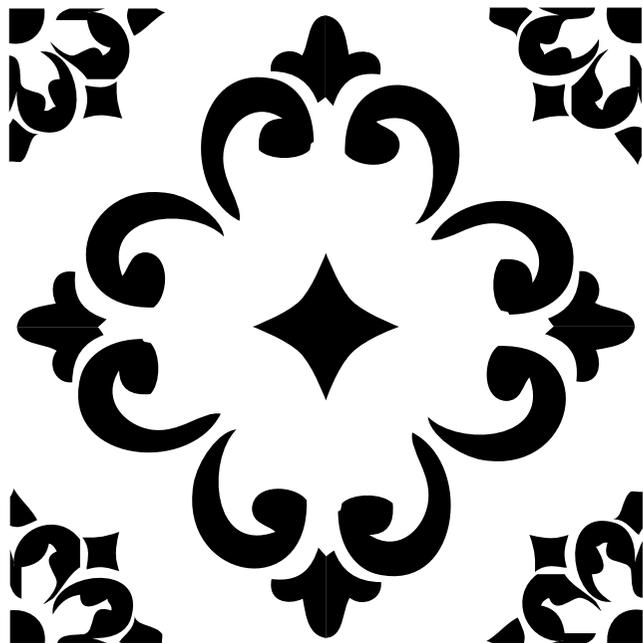
naquela hora. A distância teve que ser medida no olho, com base na forma quadrada do stencil e feita muito rapidamente, por causa do vento forte. Isso acabou influenciando o desenho final, não mantendo perfeitamente as proporções no final. Mas o desenho geral obedece a regra geral de registro do próprio stencil, com o deslocamento vertical até a metade, quando feita a próxima coluna, diferente do desenho original.

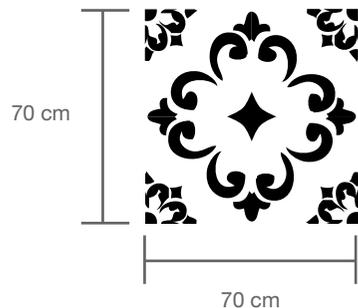
Depois de pintados todos os fundos do rosto, viemos com o stencil dos traços e posicionamos de acordo com o fundo, de forma a “encaixar” os perímetros um no outro. Enquanto duas pessoas seguravam o stencil, uma outra vinha com o spray, pintando.

Acima à esquerda, a figura do stencil, à direita, o desenho inicial. Abaixo, a grid final com a aplicação das figura dentro dos módulos da grid, e o resultado final no muro à direita.



Painel Descanso: módulo de stencil, 70 x 70cm, com um grafismo típico de azulejo. A idéia do azulejo é passar a sensação de conforto e descanso do lar.

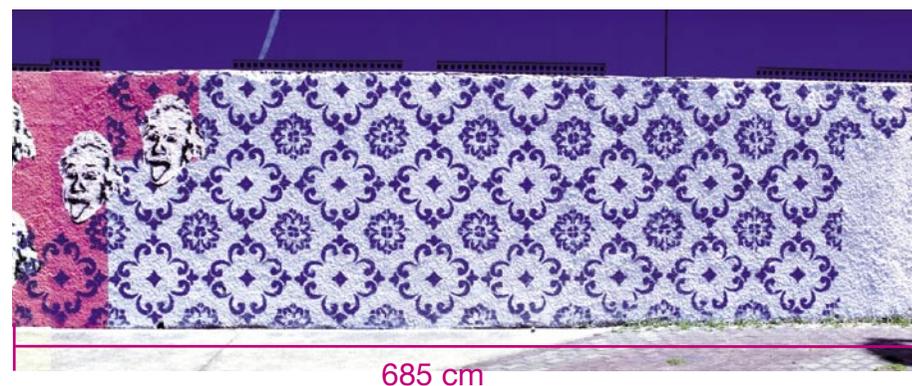
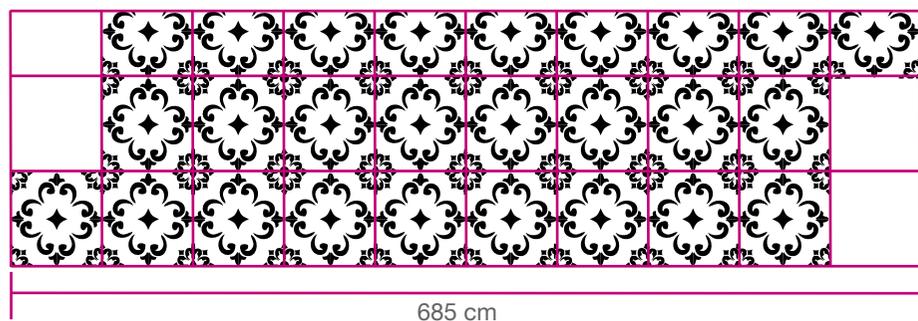




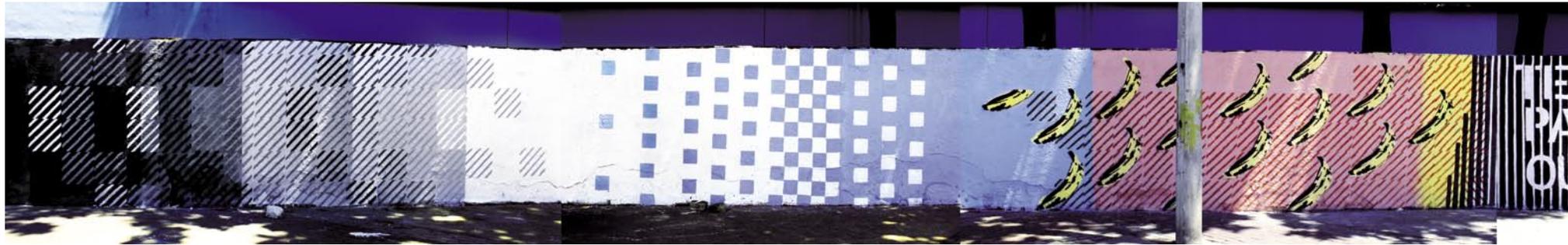
Fizemos uma base de tinta azul, um pouco mais claro que a do segmento Energia. Em seguida, começamos a pintura com o stencil em formato de azulejo. Orientamos o início da pintura bem rente ao chão, da esquerda para a direita, a partir da linha vertical do fim do segmento anterior. Depois, fizemos ainda um stencil na parte inferior à esquerda, entrando no segmento Ciência, e um último do lado direito, na parte superior, remetendo à idéia de fragmentação gradativa do segmento.

Ao final, ficou uma base de tinta azul que foi se esvaindo até chegar ao branco, onde escrevemos o perfil no twitter, chamado @murocotidiano, onde as pessoas poderiam fazer comentários e ver o vídeo de produção que faríamos depois, assim que estivesse na internet.

Acima à esquerda, o módulo, à direita, o desenho inicial. Abaixo, a grid final com a aplicação das figura dentro dos módulos da grid, e o resultado final no muro à direita.



RESULTADO FINAL





VALIDAÇÃO

Ao final da pintura, colocamos um perfil de Twitter pra que as pessoas pudessem seguir e dar sua opinião. Dentre as várias opções de redes sociais, escolhi essa por ser mais rápida e assim permitir que as pessoas comentem livremente.

O perfil do Twitter, teve até o atual momento, 25 seguidores e 19 menções, fora os “retweets”. As menções mais significativas foram:

@paixaoanne: youtu.be/Aqk_vKAfCMU arte muito legal @murocotidiano

@LeeandroGomes: Acabei de ver um muro do @murocotidiano aqui na av. Brasil

@Andreneverdie: @murocotidiano sou de João Pessoa-PB ai eu tava vindo pra cá e passei na av. Brasil e vi um trabalho de vcs em uma escola! achei legal :)

@annabraz: @murocotidiano Tempo é luxo. Obrigada por adicionar beleza em meu cotidiano!

@olheosmuros: @murocotidiano olá! bom saber que existem mais olhos por aí olhando os muros! vai ser uma boa parceria essa! :)

@cacofonias: @murocotidiano salve, vim por indicação da @emanoelleoname parabens

@DihVanity: Eu sempre passo por um muro pixado escrito @murocotidiano, sempre tive curiosidade !

@emanoelleoname: @murocotidiano Estou no ônibus agora! Acabei de ver o muro e achei lindo! Parabéns pela iniciativa!

@leonardodms: Av. Brasil, Irajá. Olhe pela janela e aprecie o @murocotidiano =)

@grendideia: Passa na Av. Brasil! E contemple o @murocotidiano pra tu descansar os olhos...

@ViniLadeira: recomendo a galera do @murocotidiano que embelezou minha rotina.

@ViniLadeira: @murocotidiano E prefiro que eu tempo passe, do que se perca. O que passa eu vejo, o que não vejo se perde e o que eu perco não foi meu.

@ViniLadeira: @murocotidiano Obrigado por ilustrar o meu muro cotidiano. Amei as padronagens “art nouveau”!

Fora isso, muitas pessoas que não têm Twitter comentaram que gostaram muito, conhecidos que passam pela Avenida Brasil também parabenizaram o trabalho, além das que viram as fotos pelo meu perfil no Facebook.

A diretora da escola testemunhou que a reação dos alunos foi muito positiva, todos gostaram bastante e sempre que vou lá e alguém descobre que fui eu e minha equipe que fizemos somos muito parabenizados. No dia da pintura, inclusive, a vereadora Rosa Fernandes foi ao local nos agradecer e dizer que “qualquer coisa” era só entrar em contato, para que pudesse, inclusive, fazer o projeto em outras escolas.

PERSPECTIVAS

Do ponto de vista do projeto, acredito que foi um sucesso. A comunidade aprovou e já há mais 2 pedidos de escolas para que se faça a pintura em seus muros. A Escola Municipal Piquet Carneiro, se propôs a pagar todo o material para a pintura e inclusive dar uma ajuda de custo a cada integrante da equipe. Isso é possível através do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), um projeto do Ministério da Educação.

A idéia é continuar com as pinturas nas escolas, ministrando os *workshops* e promovendo, dessa forma, mais transformação nos espaços urbanos, mais reflexão na sociedade e no poder público.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada*. Edição revista e corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

“A RECUPERAÇÃO de imóveis abandonados”. Rio Estudos, número 254. Rio de Janeiro, Rio Prefeitura Comunicação Social, 2007.

COSTA, Renato. *Entre ‘Avenida’ e ‘Rodovia’: a história da avenida Brasil (1906-1954)*. Tese de doutoramento. UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

FARTHING, Stephen. *Tudo Sobre Arte*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

LESSA, Washington Dias. *Os conceitos de necessidade, utilidade e funcionalidade para o design gráfico*. Arcos, Rio de Janeiro, Contracapa, v.2, p.104-115, 1999.

LUPTON, Ellen. PHILLIPS, Jennifer Cole. *Novos fundamentos do design*. São Paulo: Cosacnaify, 2008.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens transformações e perspectiva*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OSTERWOLD, Tilman. *Pop Art*. Madri: Taschen, 2007.



